

Mostrei a Bomplang primeiramente a pilha de cartas que não pretendia responder. Uma carta um pouco mais extensa do presidente da República, congratulando o "último dos aventureiros, num mundo espacialmente encolhido"; um telegrama do primeiro-ministro, que, juntamente com os muitos leitores entusiasmados de todo o país, desejava-me uma longa vida, com muita saúde; cartas do prefeito, do governador — este estendendo seus votos de felicidade também a minha família —, do bispo, ressaltando expressamente que minha crítica às missões havia conduzido a um aperfeiçoamento das mesmas, de vários reitores e decanos de universidades, do diretor da Liga pelos Povos Ameaçados, do PEN Club e até da associação dos escritores, que eu abandonara havia um ou dois anos, porque essa me pareceu a única forma de não mais desfrutar da leitura de seu informativo. Afinal, o senhor não precisa lê-lo, escrevera-me à época o presidente de todos os escritores: nenhum membro de nossa associação o faz, mas, por favor, compreenda que ninguém pode ser membro de nossa associação sem ser mensalmente lembrado de que ela existe. Agora, o secretário-geral adicionava a seus melhores votos pelo meu octogésimo aniversário a esperança de que, um dia, eu volte a pertencer à associação, a fim de que eu possa

trazer minhas experiências deste vasto mundo para o universo comparativamente mais estreito da associação dos escritores. Um desejo piedoso. Ninguém mais se interessava por livros, mas a associação dos escritores seguia crescendo cada vez mais. Só tinha poetas, uma gente anêmica. Se a língua de Deus fosse uma pena... Nem uma única carta pessoal. Nenhum convite, nenhuma brincadeira, nenhum esforço ou carinho, somente idiotices em papel timbrado. A Cruz Vermelha mandara um livro sobre a Cruz Vermelha, e a mercearia Dietrich uma garrafa de Malzbier, "para uma vida longa".

Dei de presente ao senhor Bomplang o envelope do Gabinete Presidencial e o telegrama do primeiro-ministro, além dos selos todos; depois, amarramos o pacote com barbante, colocamos em cima uma etiqueta com a inscrição "Correspondência respondida: 30º aniversário" e o jogamos atrás da ainda e sempre inacabada edição das obras de Herder, onde os lixeiros o encontrariam após a minha morte. Todos eles turcos, bondosos anatólidos que, com seus bigodes projetando-se para os lados acima do lábio superior, me lembravam Nietzsche, um número cômico tendo Nietzsche por tema, apresentado pelo balé dos lixeiros, vestido de vermelho. Assim falava Zaratustra; se bem que, nesse caso, não falava alemão.